



Texto para Discussão 001 | 2014

Discussion Paper 001 | 2014

Leis de funcionamento do capital, níveis de abstração e economia mundial no *Capital* de K. Marx: Alguns elementos de reflexão

Alexis Saludjian

*Professor Doutor do Instituto de Economia
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

This paper can be downloaded without charge from
<http://www.ie.ufrj.br/index.php/index-publicacoes/textos-para-discussao>

Leis de funcionamento do capital, níveis de abstração e economia mundial no *Capital* de K. Marx: Alguns elementos de reflexão¹

Janeiro, 2014

Alexis Saludjian

*Professor Doutor do Instituto de Economia
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

¹ Texto apresentado no Seminário UFF-NIEP/MARX (Niterói Out-Nov 2013)

Resumo

Uma crítica comum tanto dos supostos seguidores quanto dos opositores de Marx se refere ao caráter geral das leis gerais de funcionamento do modo de produção capitalista e à suposta ausência de tratamento da economia capitalista no nível mundial por Marx. Esses autores não entendem profundamente o método de Marx, confundem os diferentes níveis de abstração ou procuram uma escusa para desqualificar a obra de Marx. Apontaremos a seguir, elementos nos quais veremos que longe de serem esquecida e ausente da análise dele, a questão do mercado mundo está intrinsecamente exposta e mobilizada na obra de Marx, *O Capital*.

Abstract

A common criticism - both from the alleged followers and from opponents of Marx - refers to the general character of the general laws functioning of capitalist mode of production and the alleged absence of treatment of the capitalist economy in the world by Marx. These authors do not understand deeply the method of Marx, confuse the different levels of abstraction or seek an excuse to discredit the work of Marx. We point out below, the discussion in which we will see that far from being forgotten and absent from his analysis, the question of the world market is inherently exposed and mobilized in the work of Marx, *The Capital*.

Introdução

Esse trabalho não tem como objetivo principal ser exaustivo na procura e na exposição de elementos relativos à economia mundial na obra de K. Marx. A primeira motivação desse trabalho é dispor de um marco analítico relevante para entender o funcionamento do sistema capitalista e mais especificamente tentar entender a inserção de América Latina na economia mundial através da visão da Teoria Marxista da Dependência². Para isso e para poder mobilizar corretamente a Teoria Marxista da Dependência é essencial ter essa espessura não só geográfica (a escala mundial) mas também analítica e assim entender o funcionamento do sistema capitalista diretamente como sistema econômica/político/social *mundial*³. Assim, é fundamental tomar como ponto de partida, uma base analítica que entenda/integre o funcionamento do capitalismo diretamente ao nível mundial. Muitos autores, e correntes tentam desclassificar Marx e a sua obra por não tratar analiticamente da economia capitalista mundial. O Autor de *O Capital* seria um autor unicamente preocupado com o funcionamento do Sistema capitalista nas regiões

2 Esse trabalho é ainda um documento de trabalho e serviu como base para participar com colegas da UFF (M. D. Carcanholo, A. Guimarães, H. Corrêa, F. Miranda) do seminário do IIPPE na Holanda em Julho 2013. Ver (Saludjian e outros, 2013). A partir da apresentação no seminário IIPPE foram confirmadas convergências sobre esse ponto específico da importância do mercado mundial na análise de Marx com trabalhos de L. Pradella (SOAS). Ver referências na bibliografia.

3 Essa discussão está no centro das preocupações de autores próximos da Teoria Marxista da Dependência: Ver por exemplo (Osorio, 2004):

“ Ondas largas, patrón de reproducción y mundialización. Hemos mencionado que una de las características de la noción patrón de reproducción del capital es su función mediadora entre las unidades de análisis y categorías más abstractas (modo de producción, **sistema mundial capitalista**), y las unidades y categorías menos abstractas (formación económico-social, coyuntura). En este apartado nos detendremos con mayor detalle en esta particularidad y buscaremos poner en evidencia los problemas que esa función y su integración con otras unidades y categorías abre al análisis “ (J. Osorio, 2004, p. 76, nossos grifos).

“ Pero el sistema mundial capitalista no es sólo reparto desigual de valor. También refiere a modalidades diversas de producción de valores de uso, lo que nos lleva al tema de la **división internacional del trabajo** (DIT) que se gesta en diversos momentos histórico” (J. Osorio, 2004, p. 72, nossos grifos).

“ Como **sistema mundial el capitalismo** se estructura de manera heterogénea, entre centros, semiperiferias y periferias, o –dicho de manera más ortodoxa– entre economías imperialistas y economías dependientes, en donde las últimas, bajo diferentes mecanismos, según diversos momentos históricos, transfieren valor a las primeras, propiciando modalidades particulares de capitalismo. [...] Es en este nivel que se ubican problemas como el **mercado mundial, la división internacional del trabajo** y los movimientos cíclicos del capital, con sus ondas largas y sus fases de ascenso y descenso, temas que abordaremos más adelante en su relación con el patrón de reproducción” (J. Osorio, 2004, p. 37, nossos grifos).

mais avançadas onde esse sistema econômico/político/social teria chegado a um grau de maturidade elevado. Em várias oportunidades, Marx é culpado de “eurocentrismo”, sendo assim incapaz segundo esses autores de entender o funcionamento mundial do sistema capitalista e tendo assim que ser “abandonado” na hora de selecionar uma matriz analítica para entender tal sistema. Certos autores vão usar os textos do “jovem Marx” pre-*Grundrisse* (relativamente eurocentrista) para marcar uma ruptura com outros trabalhos do “velho Marx”. O que vamos tentar mostrar é que na principal obra de Marx já existe essa análise diretamente ao nível mundial do funcionamento do capitalismo a pesar de não ser completamente desenvolvido.

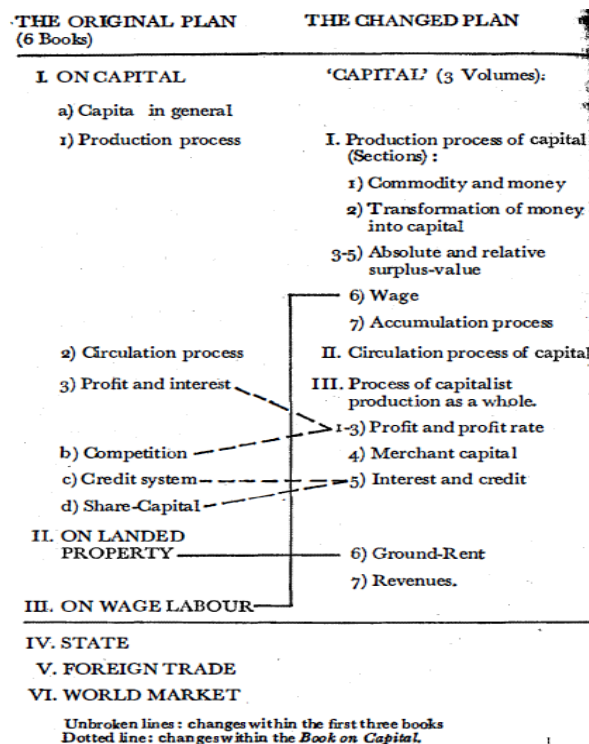
1 Leis de funcionamento do capital e níveis de abstração: Breves considerações

Uma crítica comum tanto nos supostos seguidores quanto dos opositores de Marx se refere ao caráter geral das Leis gerais de funcionamento do Modo de Produção Capitalista e à suposta ausência de tratamento da economia capitalista no nível mundial por Marx. Esses autores não entendem profundamente o método de Marx, confundem os diferentes níveis de abstração ou procuram uma escusa para desqualificar a obra de Marx. No primeiro grupo podemos encontrar autores como J. Robinson por exemplo no seu ensaio de Economia Marxista como aponta corretamente Mandel na introdução da Edição em inglês de *O Capital*. No segundo grupo, podemos citar as críticas a Rosa Luxemburg desenvolvidas por R. Rosdolsky (sobre Capital em geral e capital individual) ou E. Mandel. Vários autores, mesmo se reclamando do “marxismo”, acusaram Marx de não abordar essa temática nessa obra gerando na década de 1960-1970 um imenso debate sobre a troca desigual e a necessidade de “adaptar” a visão de Marx ao desenvolvimento da acumulação capitalista à escala mundial. Ver sobre esse ponto por exemplo S. Amin, (1971, vol. 1, *Acumulação do Capital a escala mundial*, p. 78-79) e a explicação do desenvolvimento capitalista à escala mundial através da troca desigual (Emmanuel). E. Mandel mostra claramente na obra *O Capitalismo Tardio* (1972) o equívoco desse grupo em torno de S. Amin. No capítulo 1, Mandel lembra que o método de Marx incorpora a dimensão mundial do capitalismo não unicamente como exemplificação do capitalismo ao longo da História e sim como parte constitutiva do método dialético e da crítica da economia política. No capítulo 2, Mandel resgata na obra de Marx, e especificamente na obra *O Capital*, o papel que o mercado mundial/universal, a Divisão Internacional do Trabalho e o regime colonial tiveram e ainda têm no desenvolvimento capitalista.

No nível mais alto de abstração se situam essas leis gerais. Marx trata delas como são leis de tendências e analisa elas em um nível de abstração elevado, mas longe de ser “abstrato”. O erro de vários autores é justamente de confundir os diferentes níveis e de cobrar a ausência de discussões sobre manifestações específicas, próprias de tal ou tal situação. Marx não trata de expressões específicas nesse momento da obra dele mas pensou em integrar o estudo da economia mundial (real) desde o início da elaboração da obra *O Capital*. Vale a pena mencionar que o Plano original da obra de Marx, segundo o trabalho clássico de R. Rosdolsky sobre a gênese da obra de Marx, trata justamente desse

ponto. No primeiro esboço de plano da obra *O Capital*, Marx planejou tratar no Livro VI (dessa obra geral de *O Capital*) o “Mercado Mundial e as crises” (ver o quadro a seguir).

Gráfico: A evolução do Plano da obra de Marx, O Capital:



Fonte: (Rosdolsky, 1967, 56)

Como mostra R. Rosdolsky, no último esboço da obra completa, esse Livro VI tal como apresentado inicialmente não aparece mais. Alguns terminaram culpando Marx de ter deixado de examinar essa importantíssima questão. Apontando assim, um falha, um esquecimento gravíssimo de Marx e assim uma falta de relevância de toda ou grande parte da obra dele.

Outras críticas seriam (ver S. Amin e os seguidores dele na década de 1970-1980) que Marx só mobiliza a história e o mercado mundial/universal no que diz respeito ao período de transição entre o capitalismo comercial e o capitalismo industrial. Marx teria então utilizado a discussão relativa à importância da economia mundial unicamente para explicar o desenvolvimento capitalista no passado (transição do capitalismo comercial para o capitalismo industrial): uma espécie de « *história no retrovisor* ». No período atual, a economia mundial não seria um elemento mobilizado por Marx.

E. Mandel trata dessa temática no capítulo 2 (“A Estrutura do Mercado Mundial Capitalista”) da obra dele, *O Capitalismo Tardio*. Ele discute de maneira correta que a análise de Marx trata tanto da gênese quanto do subsequente autodesenvolvimento do capital. Esse processo é duplo. Em vez de ser sucessivo (primeiro a acumulação primitiva e depois a acumulação de capital a partir da produção de mais-valia) esse processo é concomitante:

“Até hoje, ao longo de toda a história do capitalismo, processos de acumulação primitiva de capital têm constantemente *coexistido* junto à forma predominante de acumulação de capital, através da criação de valor no processo de produção. [...] Embora esse processo de acumulação primitiva já pressuponha a existência do modo de produção capitalista, descrito por Marx, e embora seu papel nos países capitalistas já industrializados seja insignificante, ele é, apesar disso, de importância considerável nos países coloniais e semi-coloniais – os chamados países “em desenvolvimento”. ” (E. Mandel, 1972, p. 30, nosso grifo).

Em vez de ser um processo histórico ultrapassado unicamente válido na época da transição do modo de produção pré-capitalista para o modo de produção capitalista, a acumulação primitiva continua existindo ao mesmo tempo em que o modo de produção capitalista (produção de valor no processo de produção) se torna o processo principal de produção de valor nos países já industrializados. Vemos assim que longe de ser uma análise baseada em uma história no retrovisor, a análise de Marx trata da escala mundial como elemento fundamental do desenvolvimento capitalista. E. Mandel continua discutindo sobre essa problemática:

“A situação que define processos de acumulação primitiva na atualidade é obviamente bastante diversa. Eles se manifestam dentro da estrutura de um modo de produção capitalista e **de um mercado mundial capitalista** já estabelecidos; estão, portanto, em constante competição, ou permanente troca metabólica, com a produção capitalista já estabelecida. O crescimento e difusão internacional do modo de produção capitalista nos últimos dois séculos constitui, assim, uma unidade dialética de três momentos:

a) acumulação de capital em andamento, no âmbito de processos de produção já capitalistas;

b) acumulação primitiva de capital em andamento, fora do âmbito de processos de produção já capitalistas;

c) determinação e limitação do segundo momento pelo primeiro, isto é, luta e competição entre o segundo momento e o primeiro”. (E. Mandel, 1972, p. 31, nosso grifo).

Longe de se esgotar ao longo processo de desenvolvimento capitalista, a importância da economia mundial na análise das leis de funcionamento do sistema capitalista continua sendo fundamental na obra de K. Marx, *O Capital*.

Na seção seguinte, trataremos da relevância da economia mundial e do comércio mundial na obra de *O Capital*.

2 O papel da “Economia mundial” na obra *O Capital*

Apontaremos a seguir, as discussões nas quais veremos que longe de se esquecer e ausente da análise dele, a questão do mercado mundo está intrinsecamente exposta e mobilizada na obra de Marx, *O Capital*. Essa lista não exaustiva de discussões em torno da questão do mercado mundial, das colônias, e do comércio mundial visa mostrar como esse elemento essencial foi tratado por Marx, não mais em um livro específico como inicialmente previsto, mas ao longo da obra dele. Ele simplesmente não teve tempo de completar o trabalho tal como ele tinha previsto. Porém, a temática e a importância da economia mundial foram consideradas ao longo de *O Capital* de tal maneira que fica clara para Marx a relevância do mercado mundial na acumulação capitalista.

Vale lembrar que E. Hobsbawm chama o período 1875-1914 de era dos Impérios (Hobsbawm, 1987, p. 56) e o termo de Imperialismo só aparece nas discussões políticas nos anos 1870s, ficando amplamente utilizado nos anos 1890s. (Hobsbawm, 1987, p. 60). O próprio termo colônia no tempo de Marx se estendia a tudo que era externo, e colonização se referia à instalação de agricultores em regiões “novas”. De modo mais geral, o termo “colonização” se refere para Marx a todas as formas de conquista e expansão europeia na globalização do capitalismo desde o século XVI (Bensussan e Labica, 1981, p. 190).

K. Marx trata da importância da expansão do mercado mundial na transição do capitalismo comercial para o capitalismo industrial:

Book 1, Chapter 31: *The Genesis of the Industrial Capitalist*, p. 527:

The discovery of gold and silver in America, the extirpation, enslavement and entombment in mines of the aboriginal population, the beginning of the conquest and looting of the East Indies, the turning of Africa into a warren for the commercial hunting of black-skins, signalled the rosy dawn of the era of capitalist production. These idyllic proceedings are the chief moments of primitive accumulation. On their heels treads the commercial war of the European nations, with the globe for a theatre. It begins with the revolt of the

Netherlands from Spain, assumes giant dimensions in England's Anti-Jacobin War, and is still going on in the opium wars against China, &c.

Book 1, Chapter 31, *The Genesis of the Industrial Capitalist*, p. 529:

The different momenta of primitive accumulation distribute themselves now, more or less in chronological order, particularly over Spain, Portugal, Holland, France, and England. In England at the end of the 17th century, they arrive at a systematical combination, embracing the colonies, the national debt, the modern mode of taxation, and the protectionist system. These methods depend in part on brute force, e.g., the colonial system. But, they all employ the power of the State, the concentrated and organised force of society, to hasten, hot-house fashion, the process of transformation of the feudal mode of production into the capitalist mode, and to shorten the transition. Force is the midwife of every old society pregnant with a new one. It is itself an economic power.

K. Marx aponta claramente o mercado mundial como base da acumulação capitalista (nessa citação no que diz respeito aos séculos 16 e 17):

Book 3, Chapter 20, *Historical Facts about Merchant's Capital*, p. 8⁴

4 Ver também essas citações no mesmo livro e capítulo :

Book 3, Chapter 20, *Historical Facts about Merchant's Capital*, p. 7

The development of commerce and merchant's capital gives rise everywhere to the tendency towards production of exchange-values, increases its volume, multiplies it, makes it cosmopolitan, and develops money into world-money. Commerce, therefore, has a more or less dissolving influence everywhere on the producing organisation, which it finds at hand and whose different forms are mainly carried on with a view to use-value.

Book 3, Chapter 20, *Historical Facts about Merchant's Capital*, p. 8

There is no doubt — and it is precisely this fact which has led to wholly erroneous conceptions — that in the 16th and 17th centuries the great revolutions, which took place in commerce with the geographical discoveries and speeded the development of merchant's capital, constitute one of the principal elements in furthering the transition from feudal to capitalist mode of production. The sudden expansion of the world-market, the multiplication of circulating commodities, the competitive zeal of the European nations to possess themselves of the products of Asia and the treasures of America, and the colonial system — all contributed materially toward destroying the feudal fetters on production.

Book 3, chapter 20, *Historical Facts about Merchant's Capital*, p. 8-9

And when in the 16th, and partially still in the 17th, century the sudden expansion of commerce and emergence of a new world-market overwhelmingly contributed to the fall of the old mode of production and the rise of capitalist production, this was accomplished conversely on the basis of the already existing capitalist mode of production. The world-market itself forms the basis for this mode of production. On the other hand, the immanent necessity of this mode of production to produce on an ever-enlarged scale tends to extend the world-market continually, so that it is not commerce in this case which revolutionises industry, but industry which constantly revolutionises commerce. Commercial supremacy itself is now linked with the prevalence to a greater or lesser degree of conditions for a large industry.

Mas Marx não vai, na obra *O Capital*, discutir unicamente a (Pré-)história do desenvolvimento capitalista. No livro 1, Capítulo 15 (“*Machinery and Modern Industry*”) Marx explica como o desenvolvimento da Grã Bretanha se beneficiou (e precisou) no período do capitalismo comercial (mas também durante a revolução industrial) dos

In India the English lost no time in exercising their direct political and economic power, as rulers and landlords, to disrupt these small economic communities.[6] English commerce exerted a revolutionary influence on these communities and tore them apart only in so far as the low prices of its goods served to destroy the spinning and weaving industries, which were an ancient integrating element of this unity of industrial and agricultural production. And even so this work of dissolution proceeds very gradually.

Book 3, Chapter 39, First Form of Differential Rent (Differential Rent I), p. 21

Although considerable rise or fall in market-prices affects the volume of production, regardless of it there is in agriculture (just as in all other capitalistically operated lines of production) nevertheless a continuous relative over-production, in itself identical with accumulation, even at those average prices whose level has neither a retarding nor exceptionally stimulating effect on production. Under other modes of production this relative overproduction is effected directly by the population increase, and in colonies by steady immigration. The demand increases constantly, and, in anticipation of this new capital is continually invested in new land, although this varies with the circumstances for different agricultural products. It is the formation of new capitals which in itself brings this about. But so far as the individual capitalist is concerned, he measures the volume of his production by that of his available capital, to the extent that he can still control it himself. His aim is to capture as big a portion as possible of the market. Should there be any over- production, he will not take the blame upon himself, but places it upon his competitors. The individual capitalist may expand his production by appropriating a larger aliquot share of the existing market or by expanding the market itself.

mercados externos. Especialmente da Índia, impondo um desenvolvimento dependente para essa colônia britânica:

Book 1. Chapter 15, *Machinery and Modern Industry*, p. 296.

On the one hand, the immediate effect of machinery is to increase the supply of raw material in the same way, for example, as the cotton gin augmented the production of cotton. **On the other hand, the cheapness of the articles produced by machinery, and the improved means of transport and communication furnish the weapons for conquering foreign markets.** By ruining handicraft production in other countries, machinery **forcibly converts them into fields for the supply of its raw material. In this way East India was compelled to produce cotton, wool, hemp, jute, and indigo for Great Britain.**¹⁵² By constantly making a part of the hands —supernumerary, modern industry, in all countries where it has taken root, gives a spur to **emigration and to the colonisation of foreign lands**, which are thereby converted into settlements for growing the raw material of the mother country; just as Australia, for example, was converted into a colony for growing wool.

A organização e estruturação do mercado mundial definiu uma nova divisão do trabalho profundamente internacional :

Book 1. Chapter 15, *Machinery and Modern Industry* , p. 296 (continuação).

A **new and international division of labour, a division suited to the requirements of the chief centres of modern industry springs up, and converts one part of the globe into a chiefly agricultural field of production, for supplying the other part which remains a chiefly industrial field.** This revolution hangs together with radical changes in agriculture which we need not here further inquire into.

Essa nova divisão internacional do trabalho à escala mundial teve como consequência o ciclo atual da indústria moderna com uma sucessão de atividade moderada, prosperidade, super-produção, crises e estagnação:

Book 1. chapter 15, *Machinery and Modern Industry* , p. 297:

The enormous power, inherent in the factory system, of **expanding by jumps**, and the **dependence of that system on the markets of the world**, necessarily beget feverish production, followed by over-filling of the markets, whereupon contraction of the markets brings on crippling of production. **The life of modern industry becomes a series of periods of moderate activity, prosperity, over-production, crisis and stagnation.**

Nessa competição a escala mundial, o mercado mundial é o cenário de competição entre potências capitalistas :

Book 1, Chapter 15, *Machinery and Modern Industry*, p. 300:

Between 1815 and 1830 the **competition with the continent of Europe and with the United States** sets in. After 1833, the **extension of the Asiatic markets** is enforced by —destruction of the human race! (the wholesale extinction of Indian hand-loom weavers).

A escala do desenvolvimento capitalista é diretamente mundial e sempre procura se estender:

Book 1, Chapter 32, *Historical Tendency of Capitalist Accumulation*, p. 536:

This expropriation is accomplished by the action of the immanent laws of capitalistic production itself, by the centralization of capital. One capitalist always kills many. Hand in hand with this centralization, or this expropriation of many capitalists by few, **develop, on an ever-extending scale**, the cooperative form of the labour process, the conscious technical application of science, the methodical cultivation of the soil, the transformation of the instruments of labour into instruments of labour only usable in common, the economizing of all means of production by their use as means of production of combined, socialized labour, **the entanglement of all peoples in the net of**

the world market, and with this, the international character of the capitalistic regime.

Essas são as citações mais relevantes no Livro 1 de *O Capital*, único volume publicado por Marx sendo os Livros 2 e 3 publicados por F. Engels a partir de indicações de Marx e do material deixado por ele após a morte em 1883. Seguem no Livro 3, uma série de discussões de Marx sobre o mercado mundial, o comércio externo e o caráter imediatamente e inerentemente mundial do capitalismo:

Book 3, Chapter 14, *Counteracting Influences [of the The Law of the Tendency of the Rate of Profit to Fall]*, p. 5

V. FOREIGN TRADE

Since foreign trade partly cheapens the elements of constant capital, and partly the necessities of life for which the variable capital is exchanged, it tends to raise the rate of profit by increasing the rate of surplus-value and lowering the value of constant capital. It generally acts in this direction by permitting an expansion of the scale of production. It thereby hastens the process of accumulation, on the one hand, but causes the variable capital to shrink in relation to the constant capital, on the other, and thus hastens a fall in the rate of profit. In the same way, the expansion of foreign trade, although the basis of the capitalist mode of production in its infancy, has become its own product, however, with the further progress of the capitalist mode of production, through the innate necessity of this mode of production, its need for an ever-expanding market. Here we see once more the dual nature of this effect. (Ricardo has entirely overlooked this side of foreign trade. [D. Ricardo, *On the Principles of Political Economy, and Taxation*, Third edition, London, 1824, Ch. VII. — Ed.]

Another question — really beyond the scope of our analysis because of its special nature — is this: Is the general rate of profit raised by the higher rate of profit produced by capital invested in foreign, and particularly colonial, trade?

Essa última pergunta é de grande importância. Na edição que F. Engels faz do livro 3, essa preocupação não é tratada em detalhe por Marx, dando mais peso ao argumento apresentado por R. Rosdolsky anteriormente. Apesar de ter percebido a relevância do estudo da taxa de lucro à escala mundial e tendo em conta diferentes níveis do desenvolvimento capitalista à escala mundial entre países, Marx termina deixando essa pergunta sem resposta devidamente elaborada.

Continuando no Livro 3, a importância do mercado mundial na época do capitalismo comercial também é fundamental na época do desenvolvimento do capitalismo industrial (não sendo assim para Marx, uma mera questão do passado):

Book 3, Chapter 20, *Historical Facts about Merchant's Capital*, p. 10-11

Originally, commerce was the precondition for the transformation of the crafts, the rural domestic industries, and feudal agriculture, into capitalist enterprises. It develops the product into a commodity, partly by creating a market for it, and partly by introducing new commodity equivalents and supplying production with new raw and auxiliary materials, thereby opening new branches of production based from the first upon commerce, both as concerns production for the home and **world-market, and as concerns conditions of production originating in the world- market. As soon as manufacture gains sufficient strength, and particularly large-scale industry, it creates in its turn a market for itself, by capturing it through its commodities. At this point commerce becomes the servant of industrial production, for which continued expansion of the market becomes a vital necessity.** Ever more extended mass production floods the existing market and thereby works continually for a still greater expansion of this market for breaking out of its limits. What restricts this mass production is not commerce (in so far as it expresses the existing demand), but the magnitude of employed capital and the level of development of the productivity of labour. **The industrial capitalist always has the world-market before him, compares, and must constantly compare, his own cost-prices with the market-prices at home, and throughout the world.** In the earlier period such comparison fell almost entirely to the merchants, and thus secured the predominance of merchant's capital over industrial capital.

A partir de uma discussão sobre o mercado mundial nas “origens do capitalismo”, Marx nota que na época do capitalismo industrial, o capitalista está constantemente confrontado ao mercado mundial. O mercado do capitalista na era moderna é diretamente o mercado mundial.

Nessa seção, apresentamos várias citações tentando mostrar como Marx trata da importância do mercado mundial no desenvolvimento do capitalismo antes de concluir na próxima seção.

Conclusão

Nesse trabalho apontamos o equívoco de certos autores em acreditar que Marx ficava unicamente em um nível de abstração elevado das leis gerais de funcionamento do modo de produção capitalista. Novamente, o estudo fino de *O Capital* tende a mostrar que Marx tinha plena consciência de que essas leis gerais se expressam com manifestações diferentes em função de especificidades históricas ou geográficas. Assim, em um nível de abstração diferente, Marx analisa as diferentes manifestações das leis gerais do Modo de Produção Capitalista.

Contrariamente a o que é muitas vezes colocado por “modernizadores”(/ pós modernos) de Marx, Marx não usa a História do desenvolvimento à escala mundial unicamente “**no retrovisor**” para explicar ou analisar a transformação do regime feudal para capitalismo (com os diferentes níveis de desenvolvimento entre países, entre regiões, etc..) no passado. A explicação e o tratamento da história do desenvolvimento capitalista à escala mundial faz parte integrante do método analítico do capitalismo do século XIX mas também participa diretamente das tendências (e contra-tendências) e do desenvolvimento contraditório do capitalismo como sistema social histórico (atual). Sem mercado mundial, nada de lã das Américas, nada de algodão da Índia ou das Américas e África para serem utilizados nas manufaturas da Grã-Bretanha. O mercado mundial é uma necessidade constitutiva da análise do desenvolvimento capitalista de K. Marx. O sistema capitalista não existe nem se desenvolve sem o mercado mundial. Não é por acaso, apesar da falta de aprofundamento, que a Teoria moderna da colonização finaliza o Livro I do *Capital* (capítulo XXXIII), único dos três livros publicado por Marx ainda em vida.

Não restam dúvidas sobre o interesse e a importância que essas diferenças, em um nível de abstração menos alto, têm para Marx na obra *O Capital*⁵.

5 Mesmo se nos concentrarmos nos elementos a partir dos primeiros três livros da obra *O Capital*, já no chamado Livro 4 (Teorias da Mais-valia, capítulo 24) redigido na forma de rascunhos antes da redação do Livro 1 de *O Capital*, Marx trabalha o tema da diferença, em um nível de abstração menor, da renda da terra no caso de países mais avançados e menos avançados (ver debates sobre a renda diferencial da terra e do debate de Ricardo com outros autores como Richard Jones).

Esse trabalho permitiu confirmar que a análise de K. Marx - principalmente na obra *O Capital* - é uma base relevante para poder tratar tanto analítica como historicamente do funcionamento do sistema capitalista mundial.

Bibliografia

- Amin, S. (1971). *L' Acumulation à l'échelle mondiale*. Edition Anthropos, Colection 10/18, Paris.
- Bensussan G. e G. Labica. (1981). *Dictionnaire Critique du Marxisme*. Ed PUF, Paris.
- Ferreira C., J. Osorio e M. Luce (org). (2012). Padrão de reprodução do capital: Boitempo Editorial.
- Hobsbawm, E. (1987). *Age of empire, 1875-1914*. New York: Pantheon Books.
- _____. (1992). *Nations and Nationalism Since 1780: Programme, Myth, Reality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kohan, N. (1998). *Marx en su (Tercer) Mundo: hacia un socialismo no colonizado*. Buenos Aires: Biblos.
- Luxemburg, R. (1951). *The Accumulation of Capital*. London: Routledge; Keagan Paul. Source: Marx-Engels Internet Archive (www.marxists.org).
- Mandel, E. (1972). (1985). *O Capitalismo Tardio*. Ed. Abril.
- Marx, K. (1853a). (1959). *Capital: critique of political economy*. Volume I. Moscow: Progress Publishers. Source: Marx-Engels Internet Archive (www.marxists.org).
- _____. (1959b). *Capital: critique of political economy*. Volume III. Moscow: Progress Publishers. Source: Marx-Engels Internet Archive (www.marxists.org).
- Osorio J. (2004). Crítica de la Economía vulgar: Reproducción del capital y dependencia. Miguel Angel Porrúa/UAZ, México.
- Pradella L. (2010). L'attualità del Capital: Accumulazione e impoverimento nel capitalismo globale. Ed. El Poligrafo (Italia).
- _____. (2013). Marx's *Capital* and Imperialism. *Historical Materialism* 21:2 (no prelo).
- Rosdolsky, R. (1977). *The Making of Marx's Capital*. Bristol: Pluto Press.
- Saludjian A., M. D. Carcanholo, A. Guimarães, H. Corrêa, F. Miranda (2013). Marx's theory of history and the question of colonies and non-capitalist world. IIPPE Seminar, La Haia, Julho.